



ACUMULAÇÃO INTEGRAL, JUVENTUDE, TRABALHO, RENDA E MODA: IMPASSES E DESAFIOS

INTEGRAL ACCUMULATION, YOUTH, WORK, INCOME AND FASHION: IMPASSES AND CHALLENGES

Jamylle Lorrane Silva Passos

Universidade Federal de Goiás – UFG
jamylle_passos@hotmail.com

Eguimar Felício Chaveiro

Universidade Federal de Goiás – UFG
eguimar@hotmail.com

Ronan Eustáquio Borges

Universidade Federal de Goiás – UFG
ronanborgesbr@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa analisar os desafios encontrados pela juventude brasileira no âmbito do trabalho e como o emprego e a produção de uma renda desejável estão presentes em setores sociais em uma sociedade desigual. Com isso, principalmente o jovem empobrecido é desafiado a conquistar esses espaços. O trabalho busca apresentar como a juventude cria e recria culturas que caminham por espaços diferenciados do rock ao urbanejo, feminejo, entre outros. E, por fim, a caracterização de como os jovens vivem vários tempos em um só. Uma subjetividade desdobra dessa cultura um sujeito nascente: o sujeito global.

Palavras-chave: Juventude. Trabalho. Renda. Moda.

Abstract: This article analyzes the challenges found by Brazilian youth in the scope of work and how employment and the production of a desirable income are present in social sectors in an unequal society. Therefore, the impoverished youth is mainly challenged to conquer these spaces. The project presents how the youth creates and recreates cultures that walk through different spaces from rock to “urbanejo”, “feminejo”, among others. Finally, the characterization of how young people live several ages in a single time. A subjectivity unfold from this culture a new kind of people: the global people.

Keywords: Youth. Work. Income. Fashion.

Introdução

Uma pergunta inicial: quais são, na prática e objetivamente, os caminhos louváveis para que os jovens brasileiros produzam renda? A formação escolar é ainda um canal de garantia para o exercício do emprego? Não seria os jovens os mais penalizados, em decorrência de sua fase de transitoriedade, diante da precarização, da desregulação e da desterritorialização global do trabalho?

Além dessas perguntas certamente a reflexão objetiva da relação entre juventude, emprego e trabalho coloca, em pauta, um acerto de método. Quando, por exemplo, opta-se por analisar esta relação por meio do regime de acumulação integral (VIANA, 2009), poder-se-ia compreender: a geração do emprego e, daí, da renda por e para jovens, adultos, mulheres, migrantes – e qualquer outra identidade social – está ligado à estrutura social vigente. Falamos do jovem, de seu mundo e também da economia mundial, de seus problemas. Ambos se entrelaçam.

Por essa via de análise logo pode-se fazer a conexão desses desafios sociais e dessas demandas existenciais – obter emprego, gerar renda - ao modelo de acumulação: ora, a economia de mercado no pós-guerra, como se vê em autores como Chesnais (2010), Viana (2010), Umbelino (2016), e outros, tornou-se uma economia de monopólio, de concentração de renda, de inserção de tecnologia, da desigualdade social, e, após 1990, com o neoliberalismo, do investimento de capital em rubricas financeiras e da desregulação do trabalho. Umbelino (2016), ao ponderar a estratégia do capital sintetiza: trata-se da monopolização do território e da territorialização do monopólio.

Três consequências são avaliadas pelos autores que se ocupam em analisar a implicação do regime de acumulação e do emprego: a precarização do trabalho; o aumento da informalização e o processo contínuo de desregulação. Harvey (2009), observa e enfatiza o papel das iminentes crises econômicas, a partir das quais Pochmann (2016) avalia o “self-employment, ou auto emprego”.

O economista da Unicamp diz que:

Ante a escalada do desemprego, e seduzidos pelo discurso neoliberal do empreendedorismo, que vende a ideia de que o esforço pessoal é a chave do sucesso financeiro, cada vez mais trabalhadores se submetem aos contratos precários, longas jornadas de trabalho e ausência de garantias trabalhistas que essa modalidade de contratação implica. Esse é o cenário que se desenha com a aprovação do projeto que amplia a terceirização no Brasil, em tramitação no Senado, e com a reforma trabalhista que o governo pretende apresentar no segundo semestre de 2017. Ele alerta: conquistas históricas dos trabalhadores estão em jogo nesta disputa (POCHMANN, 2016, p. 2).

Rodrigues (2007), ao apreciar a ligação entre a migração internacional e o desemprego estrutural, defende o seguinte: a disputa pelo emprego, de agora em diante, ultrapassará as barreiras dos países. Migrantes são barrados em algumas circunstâncias e requisitados em outras. Jovens deixarão suas casas, suas cidades e seus países e rumarão para lugares de dinamismo de emprego.

Se o cenário da acumulação integral, da força de mercado e das crises econômicas iminentes altera a geração de emprego, em geral, pode-se dizer que a juventude é a mais penalizada? Ora, primeiramente convém refletir que há jovens e jovens. Com frequência se vê em revistas populares a láurea de jovens empresários, enriquecidos, empreendedores. Os jovens cuja origem advém de famílias ricas não têm tanto problema com renda. Pelo contrário, são recordistas. A questão é a patente: “a pobreza limita as possibilidades de obtenção de renda”. A pobreza limita, igualmente, a capacidade de os jovens fazerem cursos em que a empregabilidade e os ganhos são garantidos. Os jovens empobrecidos pagam pela instabilidade econômica. Todos os pobres pagam porque geralmente não coordenam as soluções políticas para as crises.

Dito assim convém compreender: o jovem empobrecido é vulnerável na conquista do emprego e na produção de uma renda desejável como em outros setores sociais numa sociedade desigual. Por isso, a transição da escola para o trabalho, ou o investimento na formação direcionada ao emprego, em muitos países da Europa, é colocada como obrigatoriedade da política pública. A empregabilidade do jovem passa a ser de responsabilidade do Estado. Mas o Estado dos países pobres consegue gerar uma agenda para esse fim?

Os estudos atuais de juventude, emprego e renda, ao defenderem a necessidade da intervenção do Estado justificam a importância das políticas públicas em função de os jovens serem afetados diretamente pela competição. A experiência dos adultos e as maiores condições de fazer a gestão do emprego lançam os jovens em piores condições. Contudo, a capacidade de inovação, a facilidade para manipular os objetos tecnológicos e o poder de aprender novas funções são, também, requisitos para enxergar nos jovens uma renovação ativa e salutar da operação do trabalho.

Ora, se o Estado não consegue gerar políticas públicas, ou quando faz, é apenas uma chave ideológica, quem é responsável pela inserção dos jovens empobrecidos no mercado de trabalho? Quais são as vias para esta realização?

O economista Marcio Pochmann (2017), tem feito uma ligação entre o medo do desemprego, a precarização da vida, o processo de uberização do trabalho e o enlace de novas sociabilidades a partir da inserção nas igrejas, na drogadição e, inclusive, nas soluções econômicas geradas pela violência.

Outro dado importante: os estudos mostram que a formação do terceiro grau aumenta as chances, no mundo inteiro, de se obter emprego, mas, cada vez mais, não garante a relação direta entre os campos de formação e o exercício do trabalho. No Brasil há um círculo vicioso: os jovens, ao entrarem cedo no mercado de trabalho perdem a chance de melhores empregos no futuro, pois deixam as escolas; os que fazem o percurso escolar não possuem garantia do emprego.

A relação entre formação e emprego se complexifica. Numa sociedade em que o trabalho exige a componente cognitiva, a formação torna-se essencial. Contudo, ela não se responsabiliza pela contratação, nem é capaz de dirigir as tendências do mercado de trabalho. Muitos jovens, como mostrou a pesquisa de mestrado de Silva (2015), são amedrontados, temem não conseguir renda; mostram-se também receosos de investirem na escola; nem acreditam que a escola deve apenas “formar para a vida”.

O pulso da organização

Como foi visto, a geração de emprego e de renda está ligada à estrutura econômica de uma sociedade total que, por sua vez, possui uma estrutura econômica que lhe é pertinente. A solução imediata do ingresso na informalidade; a acumulação de encargos como no processo de uberização, ou o aumento na jornada de trabalho; a migração e, inclusive, esperar pelas políticas públicas são paliativos que crescem no mundo inteiro. Mas não indicam solução.

Sistemas de cooperativas; organização social de desempregados; realização de estágios; formação de grupos de empreendedores têm sido maneiras de discussão política e também de ações práticas desenvolvidas para enfrentar “a arquitetura social do desemprego estrutural”.

O Sociólogo Boaventura Santos (2010), ao analisar o mundo contemporâneo, tem defendido que, neste regime, apenas uma “volta ao campo” pode sanear as necessidades básicas. Mas deve ser um campo investido de tecnologia, informação e saberes. A vida urbana, ruidosa, contraditória, violenta e desigual não possui condições de atender as necessidades básicas da renda. Mas enquanto isso não acontece? É possível acontecer?

Segmentos do Movimento Social, como o MST – Movimento dos Sem Terra -, ao fazerem a leitura da estrutura econômica do capitalismo contemporâneo ajuíza que “somente a organização dos trabalhadores pode, de uma só vez, interpretar as alternativas, gerar solidariedade de classe, empoderar, fazer coletivos para reivindicar; e organizar formas de geração de renda. Essas formas podem aglutinar formação intelectual continuada e ações práticas”. Além disso, diz o líder do MST:

“Os jovens são pressionados pela família. Os pais não têm culpa, acham que é problema dos filhos, acham que é um problema individual. Essa é a ideologia liberal do sucesso. É muito dolorido para os jovens acharem que são fracassados. Quando vem para o Movimento se encorajam, veem a importância da solidariedade, dão um jeito...”.

Posto assim, a geração de emprego ganha um sentido político. E o próprio temor advém da produção ideológica da sociedade liberal. A questão é coletivizar o entendimento e a solução. Por conseguinte, a conquista do emprego

e da renda sai da economia e vai para a política, inclusive porque é comum ter o emprego, mas a renda ser frágil. Isso também é desesperador.

Ao perguntar a um jovem a sua expectativa de formação relativo ao emprego futuro, Ele disse que:

“Eu tenho dúvidas, penso fazer um curso, depois penso em fazer outro. Fico com medo de não conseguir...a minha família espera muito de mim, às vezes não fala, mas sei que espera, então...Já tive vontade de mudar, arrumar trabalho noutro país, ir para os países árabes, sei lá! Os professores também não ajuda a gente, eles não falam, né. A gente fica perdido”.

O problema pode ser lido na totalidade e estruturalmente, mas como se viu no relato, toca a vida de uma pessoa, suas opções diárias, seus temores. Faleiros (2008), analisa a situação dizendo que a Pesquisa do Dieese – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE, 2006), com dados de 2005, mostra que nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo havia 25% de jovens de 16 a 24 anos na população economicamente ativa com taxas de desemprego; de 26,3% em Porto Alegre (mínimo) e de 41,4% em Salvador (máximo). Esses dados revelam uma contradição entre a pressão dos jovens por obter empregos e a falta de oportunidades de emprego, expressa pela taxa de desemprego. As condições precárias se manifestam ainda mais acentuadamente entre os negros, pois segundo Bento e Beghin (2005), num grupo de dez jovens negros de 18 a 24 anos, quatro encontravam-se desempregados, enquanto que para os brancos a proporção era de um para seis. Os empregos para os brancos são mais estáveis, pois 50% tinham carteira assinada ou trabalhavam como funcionários públicos enquanto que entre os negros a proporção era de um terço. A renda percebida pelos negros era equivalente a 63% daquela recebida pelos brancos”. Esse tema é essencial, a pesquisa pode ajudar a clareá-lo. E ação coletiva a enfrentá-lo.

O rock como visão do mundo

Numa crônica memorável, o roqueiro Lobão, ao reportar-se às primeiras batidas no prato, no manuseio de baquetas, bilros, vassourinhas e tambores, expõe em causa própria: “a bateria foi a primeira e a mais definitiva experiência

na composição de minha visão de mundo”. Sintetizou a sua argumentação assim: “para saber tocar é preciso saber ouvir. É preciso saber respirar, imaginar. Entender o silêncio e o tempo”.

O controle do tempo e do ritmo, a ação direta do corpo no instrumento; a administração sonora das pausas e o fogo do som em acompanhamento à voz, saltando-a, ajeitando-a, interpondo-a nas levadas azougadas dão as pistas de uma consciência de vida: o espaço vivo da bateria é um território de descobertas e de sonhos.

O mesmo Lobão ao criticar o rock brasileiro atual lança o braço no prato: “o rock não beija as mãos, o rock não aceita panelinhas”, o que, recebe da voz firme de Mano Brown, vendo as posições políticas do roqueiro, uma resposta ácida: “Lobão age como uma puta para vender livros”.

De olho nessa contraversão seria conveniente, mesmo sob o dispositivo metafórico, interrogar se o rock inventou a juventude quando a juventude inventou o rock?

Poder-se-ia reportar a virada dos 1950 para os 1960 e, na conjuntura do pós-guerra, da força dos EUA no controle econômico e na consolidação da acumulação monopolista, de uma vida urbana comandada pela indústria e pela mercadoria, com artefatos tecnológicos e com maior mobilidade de pessoas e de símbolos, encontrar no rock um documento, um emblema da juventude? Em palavras simples: o rock foi o idioma seminal da juventude?

A inserção da guitarra e seus ecos prolongados, do contrabaixo e da bateria, a zoeira sonora, as dissuasões das notas, a rebeldia do canto e das letras, as batidas ao modo do contratempo acentuado e, inclusive, a própria palavra ROCK como metáfora de SACUDIR, PROVOCAR, PERTUBAR, juntando-se aos cabelos compridos dos jovens roqueiros, à sua forma livre de dançar, aos gestos libidinosos, escancarados, de fato, provocariam os poderes instituídos. Provocariam também as corporeidades adestradas, a cultura do consentimento patriarcal.

O rock veio para quebrar – e para fazer quebrar. Era o tinido da guitarra vencendo muros, chamando à liberdade. Nada de bom comportamento e de recomendação da mãe sobre os riscos da vida. Era para arriscar, para

experimental. Para pular longe do esteticismo apaziguado da valsa. Daí, que para muitos roqueiros o rock é mais que música/dança, é atitude. É sempre uma arena de atritos. A voz da controvérsia.

Se o *rock* nasce rebelde e com ele inscreve a juventude como sujeito político, a adoção desse gênero – e de outros – à indústria cultural, à sociedade de massa, seria o fim da juventude, ou da juventude como insígnia de mudança? Seria conveniente dizer que o rock logrou-se vivo até a coca-cola?

Traços da contracultura: a voz da juventude

Considera-se contracultura o movimento surgido nos EUA, na década de 1960, com caráter de contestação cultural e social, a partir do qual os jovens pronunciaram-se favoravelmente ao amor livre, ao respeito à natureza, à vida comunitária, ao respeito às diferenças, à experiência das drogas psicodélicas e contra as guerras, o consumismo, o autoritarismo cultural e político. Figuras como a cantora Janis Joplin e os cantores Jimi Hendrix e Jim Morrison colocaram-se como porta-vozes dessa rebeldia pacífica.

Esses roqueiros e, principalmente as manifestações públicas e sociais de outros grupos, se estenderam pelo mundo, tornaram-se códigos de uma palavra: a liberdade. Alguns autores vão dizer que dessa palavra e da atitude gerada em torno e em função dessa palavra, surgiu a juventude. Juventude? Sinônimo liberdade.

A inscrição da juventude urbana a partir dos gostos, estilos e gêneros culturais e a ligação dessa virada contra cultural como campo político de protesto e de sonho de outro mundo apontam a cultura como o pleito decisivo que, conectado ao campo da política não institucional, dá a cultura a senha para se pensar a juventude.

Com a contracultura o choque de corporeidades e de visão de mundo relativo à tradição seria a seta para um novo mundo. Santos (2017, P.13), ao falar da música e a contracultura reconhece que:

Esse movimento musical no Brasil inovou bastante a música popular brasileira, trazendo em suas letras versos irreverentes que rompiam com o tipo de música feito até então. Em suas

roupas e estilos também havia a influência do estilo hippie que contestava os padrões elitistas da sociedade. O cinema brasileiro, com o cineasta Glauber Rocha, contribuiu para o nascimento do chamado Cinema Novo, em que os filmes criticavam a pobreza e as desigualdades sociais no Brasil.

Caetano Veloso, um dos criadores do Movimento denominado tropicália, ao fazer referência ao sentido sua produção musical e poética e ao expor as influências do Movimento, argumenta:

A lição que, desde o início, Gil quisera aprender dos Beatles era a de transformar alquimicamente lixo comercial em criação inspirada e livre, reforçando assim a autonomia dos criadores – e dos consumidores. Por isso é que os Beatles nos interessavam como o rock'n'roll dos anos 50 não tinha podido fazer. O mais importante não seria tentar reproduzir os procedimentos musicais do grupo inglês, mas a atitude em relação ao próprio sentido da música popular como um fenômeno. Sendo que, no Brasil, isso deveria valer por uma fortificação da nossa capacidade de sobrevivência histórica e de resistência à opressão. (VELOSO, 1998, p.164).

Conforme se lê nas palavras do poeta, embora existisse na ponta a luta contra a opressão, a seta contra cultural do tropicalismo tinha assinatura própria, o mesmo ocorria com a chamada MPB – Música Popular Brasileira. Basualdo (2007, p. 63) explica que:

Em termos estilísticos, a MPB era definida menos pelo que era do que pelo que não era. Não era rock, associado a uma moda importada passageira, nem era música popular tradicional, mas tipicamente identificada com o samba urbano ou com várias formas de música rural regionais. Era, antes, uma categoria híbrida que surgia das sensibilidades pós-bossa nova mas na qual estavam presentes valores estéticos e preocupações sociais ligados ao imaginário nacional-popular. Sua operação mais básica era fundir “tradição” com “modernidade” sem sucumbir às pressões da popularidade emergente do iê-iê-iê. (BASUALDO, 2007, p.63).

Como se lê em estudiosos da cultura, não é possível ter processos, manifestações e objetos culturais ligado apenas a um estilo ou gênero. É próprio da cultura facultar ao sujeito humano a sua humanização, por isso universalizar-se. Ser humano, gente. Do mesmo modo – e na mesma correia – é com a cultura

que os sujeitos se diferenciam, nomeiam e renomeiam os seus fatos, os seus eventos, as suas situações.

A escalada trepidante da cultura e da juventude

Na mesma escalada da “linha evolutiva do rock” e de suas diferenciações, a sociedade capitalista, a partir da extensão do mercado como força, ia se impondo no mundo inteiro. Era necessário que houvesse uma cultura que lhe correspondesse. A inscrição da tecnologia, a partir da invenção da fotografia, do rádio e depois da TV, culminaria com a criação da massificação dos gostos e dos desejos. A indústria cultural, tornada entretenimento, como o cinema, inclusive a música, o teatro, seriam cooptados da rebeldia ao consumo.

Muitos autores, frente a isso, chegam a interrogar se, por exemplo, o rock não é um dos principais produtos da indústria cultural, portanto de uma rebeldia consoante aos novos intentos de uma acumulação que seria mundialização. Outros autores verão nos novos dispositivos do rock, também do cinema, do teatro uma afeição à mercantilização cultural. Em busca de dinheiro, sucesso, fama, com posturas narcísicas e organizados para serem referências de idolatria, os atores culturais não se importam com o sentido comunitário, como a luta pela paz ou contra os poderes instituídos. Isso deixou de ser o objetivo. Fundou-se a rebeldia de cartório. O escritor Cristovão Tezza (2011), avalia que a droga, por exemplo, parceira do rock em 1960 e 1970 era um legado da contracultura, hoje é uma adesão à rede do narcotráfico que, sob o comando das nações que hegemonizam o mundo, dilapidam outras referências de luta e de conquistas culturais.

Como se sabe a juventude se fragmentou, assim como o trabalho, as referências culturais, a política. A juventude trepida numa cultura trepidante. Cabe, pois, ver o modo como a juventude ou as juventudes, num mundo urbano, produzem, disseminam, consomem e negociam os signos e as manifestações culturais. Conforme ressalta o geógrafo Rosselvet (2012), a cultura existe sempre em tensão. E deve ser acrescentado: sempre em negociação.

Resta saber se vale conceber os gostos culturais como alicerces de caráter político da juventude. Talvez interrogar quais são os meios rebeldes e, portanto, libertadores, relativos à cultura massificada.

Numa leitura cultural da juventude e no expediente da leitura crítica da cultura, tal como faz o geógrafo Robson Moraes, vale ver a mira acadêmica direcionada, por exemplo, ao gênero urbanejo, feminejo, ao cinema pastelão, às novelas e interrogar se, ao negar esses estilos e esses gêneros, não se está afastando do povo, dos gostos do trabalhador. O pior não seria o academicismo cultural, logrado numa erudição disfarçada?

Pode-se também averiguar a pertinência da juventude em criar propostas estéticas que culminem com liberdade, alegria, sentido comunitário, a partir das quais pode enfrentar os modelos sociais autoritários e gerar caminhos para assinar alternativas de vida que não a da cultura massificada.

O grupo de rock Engenheiros do Hawai avalia musicalmente:

Hey, mãe!
Eu tenho uma guitarra elétrica
Durante muito tempo isso foi tudo
Que eu queria ter
Mas, hey mãe!
Alguma coisa ficou pra trás
Antigamente eu sabia exatamente o que fazer
Hey, mãe!
Tem uns amigos tocando comigo
Eles são legais, além do mais
Não querem nem saber
Mas agora, lá fora
Todo mundo é uma ilha
A milhas e milhas e milhas
De qualquer lugar
Nessa terra de gigantes
Eu sei, já ouvimos tudo isso antes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
As revistas, as revoltas, as conquistas
Da juventude são heranças
São motivos pras mudanças de atitude
Os discos, as danças, os riscos
Da juventude
A cara limpa, a roupa suja
Esperando que o tempo mude
Nessa terra de gigantes
Tudo isso já foi dito antes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
Hey, mãe!
Já não esquento a cabeça

Durante muito tempo
Isso foi só o que eu podia fazer
Mas, hey hey, mãe!
Por mais que a gente cresça
Há sempre coisas que a gente
Não pode entender
Por isso, mãe
Só me acorda quando o sol tiver se posto
Eu não quero ver meu rosto
Antes de anoitecer
Pois agora lá fora
O mundo todo é uma ilha
A milhas e milhas e milhas
Nessa terra de gigantes
Que trocam vidas por diamantes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
Nessa terra de gigantes
Que trocam vidas por diamantes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes
Hey, mãe
Hey, mãe.

A leitura da música, feita como uma autoavaliação, nos remete a compreender que os gostos culturais da juventude contemporânea, que vão deste o rock passando pelo breganejo, pelo funk, pelo hip-hop, incluindo outra infinidade de gêneros, se mesclam, em muitos casos e se repugnam, em outros. Os gostos culturais diferenciados da juventude equivalem à cena cultural desta ordem histórico, incluindo, conforme a síntese de Bosi (1992), a cultura acadêmica, a popular e a de massa.

Pode-se, então, ver na cultura o espelho da juventude e o espelho da ética, conforme dissertou o Costa Freire (1998). Mas isso não basta: parece ser providente ver a ligação do mercado e das cenas culturais como também, conforme apresenta Snideers (1994), observar a guerrilha espiritual que, da cultura, logra-se os gostos e as visões do mundo. Assim, a cultura possui um sentido político, embora vai para a carne.

Quando a moda é estar fora da moda

Umberto Eco (1988), um dos inventores da semiologia, de olho nos movimentos da juventude e em seus códigos culturais, com humor, ao analisar

emblemas (sinais culturais) da juventude como a camiseta, a tataroo, a gíria, os pegos, as formas de namorar e de vestir, e, ao fazer UMA VIAGEM NA IRREALIDADE DO COTIDIANO, certificou: “o pior é quando a moda é estar fora da moda”.

Sua sentença inusitada certamente nos conduz a interrogar: o que é, em termos culturais, resistência, enfrentamento, combate e protesto na sociedade de massa? Sua pronúncia, a frente, dá a pista da leitura da cultura: com rapidez tudo é e pode ser midiático, inclusive, as revoltas, os signos de resistência. De certa maneira está defendendo: nessa sociedade pastelizada até os hackers fazem parte do sistema.

Ao proceder uma interpretação da subjetividade na era global, Suely Rolnik (1998), esquematiza: há troncos culturais e artefatos simbólicos que criam a cabeça da juventude e definem a sua visão de mundo. Esses artefatos transpõem fronteiras de idades, de países e de povos, irradiam-se com rapidez, atingem os corpos, seus jogos e influenciam, como diz Pelbart (2001), nos modos de relacionar, de amar, de desejar. Está em curso o capitalismo cultural ou o capitalismo cognitivo. Uma cultura viral.

Os exemplos são vários. Bastou o jogador de futebol Cristiano Ronaldo comemorar um gol ao som do “AI SE EU TE PEGO” para que, num repente simultâneo, o hit se espraiasse para o mundo inteiro. O cantor sertanejo Michel Teló, instantaneamente, tornou-se um ídolo mundial. O brasileiro que, por acaso, se encontrava fora do Brasil era recebido como pessoa do país do “AI SE EU TE PEGO”. – “Você é do país do AI SE EU TE PEGO?”.

Segundo dizem a mesma rapidez de sucesso pode ser a do possível fracasso. Um sucesso sucede outro rapidamente, o que recoloca o sentido da memória cultural e dos valores a partir do tempo dos HITS. Inaugura-se a cultura banal, ou a banalidade da cultura. A geografia em alta voltagem mascada como chiclete e jogada no asfalto.

Contudo, apenas um sucesso pode enriquecer um “artista” que, se não cuidar, pode, posteriormente, falir. A trepidação das modas, dos gostos e dos valores, é como diz Marcelo Mendonça (2016), a síndrome da cultura em frangalhos.

Forjada na rapidez, em canais múltiplos envolvendo meios, modalidades e gêneros, surgem novos componentes culturais. Sites, filmes, *youtbers*, canais, aplicativos, *blogs*, séries, *netflix*, *e-book*, videoclipe, clip-aulas, EAD (Educação à distância), agendas eletrônicas, salas de bate papos, de encontros amorosos e tantos outros, dão o expediente de uma nova fase histórica de afirmação da cultura. O filósofo Pierre Lévy chama esse momento e essa modalidade cibercultura.

Ao analisar o modo como filósofo francês avalia a cibe cultura, MEDEIROS & VENTURA (2007, p. 275) apresenta que:

Lévy (1999), faz uma comparação entre os meios de comunicação: o correio e o telefone são exemplos de dispositivos comunicacionais 'um para um'; o rádio e a televisão são exemplos de dispositivos comunicacionais 'um para todos'. Já a internet seria um exemplo de dispositivo comunicacional 'todos para todos'. Segundo esse autor, os dispositivos comunicacionais e informacionais são os maiores produtores de mudanças culturais, pois definem a relação entre os participantes e os meios de comunicação e informação.

Meios como a carta, o telegrama, o rádio, a TV e INTERNET marcam e expressam as mudanças culturais. Assim pode ser entendida a cibercultura:

Por cibercultura compreende-se o conjunto de atitudes (apropriação, subterfúgio, ativismo) originadas a partir da união entre as tecnologias informáticas e as mídias de comunicação. Este conjunto de atitudes é produto de um movimento sociocultural para domesticar e humanizar as novas tecnologias. Conforme minha hipótese, ela é a expressão cultural do encontro entre a 'sociedade pós-moderna' e as novas tecnologias baseadas na microeletrônica (LEMOS, 1994, p. 1)".

Considerações Finais

Conforme analisa Milton Santos (1996), esse período o qual denomina Meio técnico científico informacional tornou-se possível em função da UNICIDADE TÉCNICA. São as possibilidades de juntar nos mesmos MEIOS som, imagem, fotografia, arquivo, ao mesmo tempo que responde às demandas

de uma sociedade mundializada. A unicidade técnica permite também a multiplicidade de ações dos vários sujeitos ao mesmo tempo, em lugares diferenciados. A extrema conectividade e a potência tecnológica facultam a midialização do indivíduo.

Ora, nenhuma cultura aponta apenas para um rumo, menos um meio sobrevive sem a ação humana diferenciada. Dessa feita, está ressurgindo do e nos poros da conectividade, a criatividade, abrindo espaços para diferentes códigos culturais. A infusão de novos signos cria a fusão e a con-fusão. É a babel ordenada.

No quatinho do ou da adolescente é possível gravar música, teatralizar, encenar, recitar poesia, produzir aulas, estudar idiomas, se informar, comunicar, pesquisar. E, então, gerar uma variação de referências culturais, mesclá-las, recriá-las. Contudo, imanado a determinados produtos universais, há a selfie, as mensagens do FACEBOOK, as correntes esotéricas na rede, as narrativas confessionais. Uma subjetividade desdobra dessa cultura, um sujeito nasce: o sujeito global.

Por conseguinte, essa variedade de formas e meios e a implicação nos gostos e na produção cultural, conforme pondera Suely Rolnik (1998), diferente de configurar apenas o caos, a incerteza e a indeterminação, é possível ser analisado. A autora diz que:

A globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta, numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores. As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos desta profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos (ROLNIK, 1996, p. 22).

Conforme a autora aludida, diante desse quadro, há um esvaziamento de sentido e de figuras simbólicas, o que lança a subjetividade na necessidade de reconfigurar-se. Diante do desassossego, o sujeito imerso nesse mundo procura um conjunto de drogas. Há, em curso, uma toxomania generalizada a partir da droga propriamente dita; fórmulas da psiquiatria biológica; drogas de referências

como as figuras glamourizadas pela TV, publicidade, cinema, futebol; literatura de autoajuda, envolvendo também o boom evangélico, produtos neurolinguísticos, esotéricos; os diet/light; o corpo top model.

Diante dessa situação, há duas tomadas de posição: o enrijecimento e a pulverização. Há os que negam participar dos meios e dos símbolos dessa cultura, negando, por exemplo, o celular, a selfie, enrijecem-se; e há outra posição de aceitação total, pulverizam-se. Conforme a autora, o estresse, a ansiedade, a fobia, e especialmente, o pânico decorrem dessas mudanças.

A síndrome de pânico, como produto de um grau extremado de desestabilização, ocorre por uma ameaça imaginária e um descontrole das próprias forças. Como se o sujeito não fosse “dono” de suas próprias forças, diante de um caos social, moral e psíquico, com a identidade fraturada, o corpo, perante a dificuldade do equilíbrio emocional e da produção de um sentido, entregue à pressa, vê a pressão arterial estremecer, o coração disparar, os nervos descontrolarem-se e, inclusive, as ações psicomotoras trepidarem-se.

Em situação de pânico, perdido em si, e como uma dinamite, a solução é a drogadização elevada aos vários meios e formas narradas anteriormente. Dessa argumentação pode-se interrogar: os gostos culturais, as referências simbólicas, as adesões da juventude aos meios ou a à sua repugnança são fatores e condições para ler a relação da juventude com o espaço contemporâneo?

A questão é reconhecer a juventude ou sua face em função das mudanças na sexualidade – e reconhecer nessas mudanças uma ponte com as mudanças sociais. Especialmente reconhecer na sexualidade uma ação vital, de afirmação da juventude, de envolvimento do seu corpo no mundo. Como diz Roberto Freire (1986), os jovens coordenam melhor a sua vida quando se apoderam de suas energias.

Referências

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: temas e situações**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BASUALDO, Carlos (org.). **Tropicália – uma revolução na cultura brasileira**. E-Book, 2007.

BENTO, Maria Aparecida da Silva; BEGHIN, Nathalie. **Juventude Negra e Exclusão Radical**. Políticas Sociais acompanhamentos e análises. IPEA. Ago.2015.

CHESNAIS, François et al. (2010). **A finança capitalista**. São Paulo, Alameda.

COSTA, Jurandir Freire. **A Ética e o espelho da cultura**. Rocco. Rio de Janeiro, 1998.

FALEIROS, Vicente de Paula. Juventude: trabalho, escolha e desigualdade. **Revista Educação e Realidade**, UFRGS, 32 (2): 63-82 jun/dez 2008.

HARVEY, D. **Alternativas ao neoliberalismo e o direito à cidade**. In: Novos cadernos NAEA. v. 12, n. 2, p. 269-274, dez. 2009b.

POCHMANN, M. **“A uberização leva à intensificação do trabalho e da competição entre os trabalhadores.”** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/562224-a-uberizacao-leva-a-intensificacao-do-trabalho-e-da-competicao-entre-os-trabalhadores-entrevista-com-marcio-pochmann>.>Acesso em: 23 abril. 2019.

POCHMANN, M. **Brasil sem industrialização: a herança renunciada**. Ponta Grossa: UEPG, 2016.

RODRIGUES, Uelinton Barbosa. **Migração internacional dos goianos: a desterritorialização globalizada do trabalho**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SILVA, Marciel. **Juventude estudantil e as representações sociais da escola e de seu vínculo com o trabalho: o caso do ensino médio na Região Administrativa do Gama-DF**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical: memórias do tempo do tropicalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VIANA, Nildo. **O Capitalismo na Era da Acumulação Integral**. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

ROLNIK, Suely. **Subjetividade e globalização**. PUC-São Paulo, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**, In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Edusp. São Paulo, 1996.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TEZZA, Cristóvão. **O filho eterno**. Rio de Janeiro: edições BestBolso, 2011.

UMBELINO, Ariovaldo de Oliveira. **A mundialização da agricultura brasileira**. São Paulo: Iände Editorial, 2016.

Sobre a Autora e os Autores

Jamyllie Lorrane Silva Passos

Possui graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2016). Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia PPGeo-UFG da Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: licenciatura, comunidade, ensino, agricultura e integração. Participa do grupo de Estudo e Pesquisa- Espaço, sujeito e existência- " Dona Alzira".

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2868464790336471>

Eguimar Felício Chaveiro

Possui Graduação em Geografia pela Pontífice Universidade Católica de Goiás (1987), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1996), Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2001) e Pós-Doutorado em Saúde do Trabalhador pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/RJ). Atualmente é Professor do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). É Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira". Mantém parcerias de trabalho com instituições em Moçambique/África, Cuba, Chile e Alemanha. Coordena projetos de pesquisas financiados pelo CNPq, CAPES e FAPEG. Desenvolve trabalhos ligados à abordagem territorial do Cerrado; saúde, trabalho e território; cartografias existenciais de Pessoas com Deficiência; Geografia, literatura e arte.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540141505352914>

Ronan Eustáquio Borges

Graduado em Geografia pela UFU - Uberlândia (1996), mestre em Geografia (Planejamento Ambiental e Desenvolvimento Regional) pela UNESP-Presidente Prudente (2000) e doutor em Geografia (Organização do Espaço) pela UNESP - Rio Claro (2006). Foi professor de ensino fundamental e médio (rede pública e particular), professor substituto na UFU (2000-2001), professor efetivo no Campus Avançado de Jataí - UFG (2001-2002), professor efetivo adjunto UFV - Viçosa (2002-jan.2009) e, atualmente, é professor associado da Universidade Federal de Goiás - Campus Goiânia (Desde fev. 2009-).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3781116210567482>

Recebido em Maio de 2019.
Aceito para publicação em Junho de 2019.